

A leitura e a coerência textual no trabalho do tradutor

Wilma Aparecida Trenk¹

Resumo: Este artigo propõe-se a refletir sobre os conceitos de leitura e coerência, com base na Linguística Textual, e relacioná-los ao trabalho de tradução interlingual. A partir de uma breve explicação sobre o processo de coerência na leitura, passa-se à discussão de alguns problemas do tradutor, referentes às diferenças culturais, à tradução de textos antigos e à exploração aprofundada do texto a ser traduzido. Enfim, o produto da tradução é a expressão da leitura do tradutor.

Palavras Chave: leitura, coerência textual, estudos de tradução, Linguística textual.

Reading and textual coherence in the work of the translator

Abstract: The purpose of this paper is to consider the notions of reading and coherence, based on Text Linguistics, as well as to relate them to the work of interlingual translation. After a brief explanation of the process of coherence in reading, it shows the discussion of some problems of the translator, referring to cultural differences, translation of ancient texts and thorough exploration of the text which has to be translated. Finally, the product of translation is the expression of the reading of the translator.

Keywords: reading, textual coherence, translation studies, Text Linguistics.

É um consenso entre os pesquisadores de tradutologia que o ato tradutório não se limita ao enfoque do código linguístico, comumente o mais discutido em questões de tradução, mas possui outros condicionantes que afetam a postura do tradutor e os procedimentos revelados no produto de seu trabalho.

Para efeito de análise da coerência textual acerca da tradução, levaremos em conta o papel desse tradutor que, num primeiro momento, apresenta-se como receptor do texto original e, posteriormente, como emissor, numa segunda relação comunicativa. Antes de oferecer o resultado de seu trabalho à comunidade, o tradutor realiza um processamento do texto original que, com maior ou menor grau de consciência, configura-se para ele como uma exploração de problemas, não só de natureza linguística, como também relativamente a todo o contexto situacional que envolve a obra.

A realização da tradução depende, portanto, em primeiro lugar, da compreensão do texto a ser traduzido. A coerência, como em qualquer leitura, ocorre a partir da conexão dos conceitos, a qual possibilita uma continuidade de sentidos. Entretanto, o leitor/tradutor não é passivo; pelo contrário, é através de sua atuação que o texto ganha vida. E na sua relação com este, participa com seu conhecimento de mundo, alimentado pela experiência e pela razão, e com suas expectativas.

Segundo Leonor Lopes Fávero (1991, p. 60),

¹ Licenciada em Letras Português-Latim; Mestre em Letras Clássicas pela USP; Pedagoga; Professora aposentada do Ensino Básico do Estado de São Paulo; Docente universitária; Professora da rede municipal de São Paulo.

O texto contém mais do que o sentido das expressões na superfície textual, pois deve incorporar conhecimentos e experiência cotidiana, atitudes e intenções, isto é, fatores não linguísticos. Desse modo, um texto não é em si coerente ou incoerente; ele o é para um leitor/alocutário numa determinada situação.

Assim, na decodificação de elementos presentes no texto, os conhecimentos, responsáveis pela coerência, são ativados na memória, onde se encontram armazenados sob a forma de conceitos, modelos cognitivos globais e superestruturas. De forma bem sucinta, podemos dizer que os conceitos, segundo a Linguística Textual (MARCUSCHI, 1983), consistem nos conhecimentos gerais contidos na memória; os modelos cognitivos globais abrangem os “frames”, que são espécies de quadros que vêm à mente associados a um conceito central, como por exemplo: Natal, Carnaval, etc. Esquemas e planos também fazem parte dos nossos modelos cognitivos, na medida em que podemos estabelecer hipóteses e descobrir intenções nos textos falados e escritos. Já os “scripts” são estereótipos, planos estabilizados relativos aos papéis dos participantes e às suas ações, já esperadas, tais como a da estupidez, da esperteza, da sovinice, etc. Os cenários correspondem aos conhecimentos das situações e contextos que funcionam como pano de fundo para o texto. Por fim, as superestruturas contêm as características estruturais dos textos, nos seus variados gêneros, em termos de categorias e regras de formação.

Desse modo, é o próprio leitor que deve construir uma configuração para criar um mundo textual.

O problema da coerência avulta-se quando os integrantes do processo comunicativo distanciam-se no tempo e no espaço, pertencem a realidades culturais diferentes. Certamente existem universais antropológicos, biológicos, sociais, etc., mas muitas vezes a decodificação de um texto depende de componentes específicos do contexto.

No que tange à tradução, “quanto maior for a distância que separa duas culturas-línguas, maiores serão os óbices de natureza sociocultural à tradução, pois menos numerosos serão os pontos comuns em que o tradutor poderá apoiar-se.” (LARANJEIRA, 1989, p. 19).

Assim, se uma expressão num texto, para um leitor da mesma comunidade linguística do autor, ativa conhecimentos de seu armazenamento mental, de forma a ocorrer uma “ativação expansiva” (BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981, p. 88), para o tradutor essa ativação é mais limitada. Ela caracteriza-se por ativar outros itens do conhecimento associados ao conceito explicitamente ativado, operações de previsões e hipóteses, desdobramento de imagens, enfim, a progressão mental muito além da superfície do texto. Podemos ilustrar esse fato com o termo cachaça para o falante brasileiro do português, que traz evocações de:

alambique, a figura do pingüço (e não do bebedor inveterado de uísque ou gin etc.), o gole “pro santo”, a batida de tamarindo e, por extensão, toda a civilização da cana-de-açúcar, desde as sesmarias das capitâneas hereditárias até o Pró-álcool, o uso do álcool como desinfetante e instrumento cotidiano de limpeza doméstica (AUBERT, 1991, p. 59).

Evidentemente, a riqueza das associações dependerá também do texto em que a expressão linguística se encontra, uma vez que o sentido vai-se formando e se delimitando conforme as relações com outros conceitos que estão sendo atualizados na

leitura do texto. Numa obra literária, em que a polivalência é intencional e duradoura, podem-se evocar inúmeros conteúdos cognitivos, o que lhe confere uma fruição cada vez mais renovada e aprofundada.

Um tradutor de textos antigos, marcados pela distância não só temporal, mas também cultural, certamente não consegue resgatar toda a rede associativa conceptual que fazia parte da vivência dos receptores originais do texto. O trabalho filológico, as pesquisas, o aparato crítico, tudo isso auxilia o tradutor em sua leitura; e quanto maior seu embasamento cultural, maior o acesso ao universo textual subjacente em cada texto.

Para exemplificar esse procedimento, podemos citar dois versos da Eneida de Virgílio (70 a.C. – 19 a.C.), que anunciam o início da narrativa que o herói Eneias profere no palácio de Dido, em Cartago, a respeito de sua partida de Troia e seus infortúnios nas viagens. Esse relato ocorre durante um banquete:

Conticuere omnes intentique ora tenebant;
Inde toro pater Aeneas sic orsus ab alto. (Livro II, versos 1-2)

(Tradução nossa: Todos se calaram e, atentos, mantinham seus semblantes imóveis;/
Então o pai Eneias começou a falar assim do alto leito.)

Para um romano, esse último termo, “leito”, não causaria estranhamento, pois certamente ele teria um “frame” correspondente a banquete. Este era realizado em local próprio, no qual se encontrava uma mesa quadrada, tendo à sua volta três leitos inclinados (triclinium – triplo reclinatório) em direção contrária à mesa. Sobre os leitos colocavam-se colchões e almofadas para separar os comensais. Além da associação do lugar, propriamente dito, há toda uma conotação de trajés, alimentos, vinho, escravos e, ainda, o significado dessa refeição, durante a qual se faziam discursos, recitações, cantos, danças, leituras, enfim, era uma confraternização prazerosa.

O tradutor, ampliando seus próprios modelos cognitivos, com a introjeção de “frames”, esquemas, planos, “scripts” e cenários ligados ao contexto histórico e sociocultural dos textos de partida, estará mais capacitado para um melhor processamento cognitivo de um texto original específico.

Entretanto, mesmo conhecendo as implicações conceituais, falta ao tradutor algo presente nos membros de uma mesma comunidade cultural: a vivência dos fatos, a qual forneceria um envolvimento emocional às associações ativadas.

Conforme Beaugrande e Dressler (1981, p. 42), as fases de recepção de um texto podem-se resumir do seguinte modo:

- a) Análise da superfície textual, da linearidade às dependências gramaticais. Esses elementos e dependências propiciam a recuperação do conceito.
- b) Recuperação das ideias principais, uma vez que a configuração conceitual cria e apresenta densidades e dominâncias.
- c) Recuperação do plano, isto é, do objetivo do produtor perseguido no texto.

Existe um “limiar de terminação” (BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981, p. 43) para o receptor, em que a compreensão e integração do texto é considerada satisfatória para o objetivo visado. Para um crítico literário, por exemplo, o

processamento despenderá muito mais tempo e terá muito mais intensidade, abrangendo não só os aspectos mais prováveis, recobráveis mais facilmente da forma e do conteúdo, mas muitos outros aspectos refinados subsidiários. Conclui-se que isso também se aplica ao tradutor.

Por fim, resta-nos mencionar a questão da fidelidade tradutória. Segundo Albert (1991, p. 80), o produtor, ao elaborar a obra, está imbuído de uma intenção, representada por uma mensagem pretendida. Produzindo o texto, este se reveste de mensagens virtuais, uma vez que a expressão linguística oferece leituras possíveis. Um terceiro tipo de mensagem denomina-se “efetiva”, pois realiza-se no destinatário, e cujo processamento foi abordado neste trabalho. É um fato indiscutível que o receptor não tem uma liberdade absoluta de interpretação de um texto. Há controles definidos, embora não absolutos, para a decodificação, isto é, o autor deixa no texto as marcas de suas intenções, de modo que o texto se apresente para determinadas leituras e excluindo outras. Mas a fidelidade de uma tradução corresponde à apreensão da mensagem efetiva do próprio tradutor e sua consequente transmissão num novo texto, que é produto da tradução.

Essa nova etapa do ato tradutório, que é a reconstrução da mensagem efetiva, implica novos problemas. Como reorganizar o universo textual numa outra língua? Que prioridades devem ser respeitadas? Como explicar ao leitor moderno as nuances culturais imbricadas nos conceitos e relações do texto antigo? São algumas das indagações que se colocam ao tradutor no momento da produção de um novo texto, a qual dependerá de sua postura tradutória, da finalidade de seu trabalho, dos receptores, e de tantos outros fatores, que nos permitem concluir que a tradução não tem um modelo fixo *a priori*; pelo contrário, ela é específica para cada texto. Mas é indubitável que a tradução é a expressão da leitura do tradutor, ou melhor, daquilo que lhe é possível ler.

Referências bibliográficas

- AUBERT, F. H. Askeladden e outras aventuras tradutórias. Tese de livre-docência. São Paulo: USP, 1991.
- BEAUGRANDE, R-A de; DRESSLER, W. U. Introduction to Text Linguistics. London and New York: Longman, 1981.
- FÁVERO, L. L. Coesão e coerência textuais. São Paulo: Ática, 1991.
- LARANJEIRA, M. Do sentido à significância: em busca de uma poética da tradução. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 1989.
- MARCUSCHI, L. A. Linguística textual: o que é e como se faz. Série Debates, vol. 1. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983.
- VIRGILE. Énéide: livres I-IV. Texte établi et traduit par Jacques Perret. Paris: Les Belles Lettres, 1981.